

A AMBIENTAÇÃO N’O URAGUAI - UM ESTUDO SOBRE A LITERATURA E SOCIEDADE

William Gomes Ferreira
Departamento de Letras _ UFRN

Resumo: Este trabalho objetiva analisar os diferentes espaços presentes na obra de Basílio da Gama, bem como indicar a sua importância para o desenvolvimento da narrativa. Para isso, será feita a análise dos fragmentos d’O Uruguai, levantando questionamentos que acharmos úteis para o desenvolvimento da pesquisa. As obras de Antonio Candido e Alfredo Bosi servirão de base teórica para a nossa discussão, já que esses autores têm estudos significativos sobre a temática proposta. Acreditamos ser pertinente essa abordagem na medida em que o espaço retratado no poema age diretamente e influencia na constituição e comportamento dos personagens.

Palavras-chave: Ambiente, Literatura, sociedade, narrativa.

INTRODUÇÃO

O Uruguai inicia-se com uma imagem espacial exótica. Aliás, este recurso iconoclasta usado por Basílio da Gama, quebrando assim a estrutura tradicional da epopéia, rendeu-lhe muitas críticas. Para muitos críticos seria um equívoco classificar o Uruguai como uma epopéia. Segundo A. Bosi **“o verso branco e balanço entre os decassílabos e sáficos aligeiram a estrutura do poema que melhor se diria lírico-narrativo do que épico”**. Já para A. Cândido, o Uruguai é uma **“obra bastante complexa do ponto de vista dos intuitos e diretrizes, embora simplificada ao máximo na textura, pelas qualidades estilísticas do poeta, é erro considerá-la epopéia, não se devendo perder de vista que é, primeiramente, lírica; em seguida, heróica; finalmente, didática”**. No que se refere à ambientação que é nosso propósito neste trabalho, ele se configura de forma polarizada, mostrando a equivalência plástica de que se vale o poeta para estabelecer o contraponto do civilizado e do silvícola, visando nova interpretação do seu conflito, na qual procura ao mesmo tempo simpatizar com os povos naturais (índios) e confiar na obra civilizadora (europeu).

DOIS MUNDOS OPOSTOS

Os seguintes versos expõem de forma nítida a diferença entre esses mundos, o mundo civilizado, porém prepotente, poderoso e dominador e o mundo rústico, fraco e dominado:

Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tépidos, e impuros,
Em que ondeiam cadáveres despídos,
Pasto de corvos. Dura inda nos vales
O rouco som da ira artilheria.

Este princípio ex-abrupto d'O Uruguai, traz ao leitor a matéria mesma do canto. È o aqui e agora que urge sobre a sensibilidade de Basílio da Gama e, com certeza, de qualquer leitor sensível á problemas como que até hoje faz parte da nossa realidade, ou seja, o mais forte pisoteando sempre o mais fraco. Tudo isso em nome do poder e da riqueza.

Uma outra ambientação que chama bastante atenção sobre o que o homem é capaz quando está em jogo à honra ou o poder é sobre a vinda do exército espanhol para se juntar ao exército português a fim de marcharem juntos sobre os povos “rebeldes”, já que o cumprimento do tratado interessava a ambos os estados. Porém, antes da união dos exércitos, os jesuítas induziram os índios a atacar um acampamento lusitano. Houve luta, e os portugueses. Depois disso, o general português saiu em busca dos sete povos, sempre na espera da junção com o aliado (Espanha).

Depois de caminhar muitos dias, o exército português enfrentou a travessia do rio Jacuí. Nessa altura, Gomes Freire recebe notícia de que o general espanhol não viria mais, porque os índios tinham esterilizado os campos dos quais se alimentariam os seus cavalos e o gado. Mas quem esperava que os índios rudes, “sem valor”, sem armas atacassem e provocar dano a uma forte espanhola, teoricamente mais forte? Daí a sua heroicidade. O general espanhol, no entanto, aconselhava que Gomes Freire também se retirasse, mas ele não aceitou, dispondo-se a esperar o aliado às margens do Jacuí. Ocorreu então, uma enchente tão grande que deixou alagada toda a região. Contudo, o general não abandonou o local, instalando o seu exército por dois meses no alto das árvores. Finalmente, obrigado pelas dificuldades e pela demora do aliado, o general teve de abandonar o ponto a que chegara e retornar as “terras portuguesas”. Destaca-se, portanto neste episódio, o caráter oportunista dos jesuítas, a bravura do índio, a perseverança do general português, que não resultou quase em nada, devido a um fenômeno interessantíssimo que faz parte da realidade ou natureza do índio, a enchente do rio Jacuí. O que influenciou o comportamento dos personagens e conseqüentemente o desenvolvimento da narrativa.

Encontramos esse espaço nos versos a seguir:

A enganada Madrid, e ao novo mundo
Da vontade do rei núncio severo
Aportava Cataneo: e ao general Andrade
Avisa que tem pronto os socorros,
E que em breve saía ao campo armado.
Já por dilatadíssimos caminhos
Tinha mandado de remotas partes
Conduzir os petrechos para a guerra.
Mas entretanto cuidadoso, e triste
Muitas causas a um tempo revolvía
No inquieto agitado pensamento. [...]

I

Ainda dentro dessa ambientação, podemos encontrar os agentes essenciais da formação histórica do Brasil, isto é, o aspecto histórico-social do Brasil: os colonos brancos e o solo americano. Isso num plano meio simplista e restrito. Mas de forma mais genérica, para sermos precisos, destacaríamos os colonos brancos, os padres jesuítas e os escravos negros, que estão, digamos assim, na mesma gaiola dos índios.

O próximo espaço retratado no poema separa as águas entre o homem branco e o nativo. Na recepção do general espanhol, na qual foi convidado a participar de uma rica mesa com vinhos europeus nas taças de ouro, desfrutando de tudo o que é luxuoso e honroso. Isso revela um contraste entre costumes e “propriedades”:

Convida o General depois da mostra,
Pago da militar guerreira imagem
Os seus, e os espanhóis, e já recebe
No pavilhão purpúreo, em largo giro,
Os capitães a alegre, e rica mesa.
Desterraram-se os cuidados, derramando
Os vinhos europeus nas taças de ouro
Ao som da ebúrnea cítara sonora
Arrebado de furo divino
Do seu herói Matusio celebrava
Altas empresas dignas de memória. [...]

I

Estes versos, portanto, resumem as principais diferenças entre o homem europeu e o índio.

A “ASSIMILAÇÃO” DA CIVILIZAÇÃO (RACIONALIDADE)

No canto segundo, o discurso de Cacambo denuncia a crueldade do branco em sua invasão ao índio. Apesar disso, ele se dispõe a tentar ainda uma vez a paz. Dizendo o seguinte: se o rei de Espanha desejasse dar terras a Portugal, que desse outras, pois aquelas tinham dono. E que não havia ouro ali. Só havia trabalho, pelo qual o índio não recebia mais que o sustento. Portanto, o general deveria voltar, pois, do contrário, causaria o derramamento de muito sangue. Porque os índios não reconhecem os reis da Europa. Sua única autoridade são os padres:

Se o Rei de Espanha
Ao teu Rei quer dar terras com mão larga,
Que lhe dê Buenos Aires, e correntes,
E outros, que tem por estes vastos climas;
Porém não pode dar-lhe os nossos povos.

II

“Poder-se-ia, à primeira vista, negar tal proficiência retórica num índio americano, mas isso não procede, porque o seu desempenho verbal, além de agenciar informações importantes à trama do poema, funciona como índice de assimilação da civilização europeia, para a qual foi convertido e da qual não poderá jamais tirar nenhum proveito em favor de seu povo, ainda que demonstre eficiência na manipulação daquele código” (Teixeira, 1996:51).

Por meio da fala de Cacambo ao general português, herói oficial do poema, Basílio na verdade, resume as principais razões de estado por que Portugal devia conservar a colônia:

Eu já vi a colônia portuguesa
Na tenra idade dos primeiros anos,
Quando o meu velho pai c’os nossos arcos
Às satiadoras tropas Castelhanas
Deu socorro, e mediu convosco as armas.
E quererão deixar os Portugueses

A Praça que avassala, e que domina
O gigante das águas, e com ela
Toda a navegação do largo rio,
Que parece que pôs a natureza
Para servir-vos de limite, e raia?
Será; mas não creio. [...]

II

Pois fica uma indagação sobre essa questão: se um dia os portugueses tiveram que lutar ferrenhamente para defender estas terras, por que abrir mão delas hoje? Bom, como sendo uma questão de cunho político, não é de se surpreender que de um momento para o outro alguém mude de posição. Mas também essa falca de Cacambo demonstra que ele possui plena consciência do destino de seu povo, que é ser envolvido e talvez destruído, pela astúcia da política européia. A razão de seu argumento demonstra também que, no fundo, os aliados ainda são verdadeiros inimigos entre si, e que os índios não passam de vítimas de um conflito mal resolvido entre eles. A sua fala indica a superação de seu estado natural, porque representa a conquista de uma abstração lógica ou pensamento civilizado - capaz, em princípio de reacender a discórdia entre os aliados e evitar, com isso, o massacre de seu povo. Percebe-se, portanto, a diferença de seu caráter a do seu companheiro, Cepé, que é menos racional e mais agressivo. Poderíamos dizer que Cacambo foi um diplomata e Cepé foi um guerreiro, tanto que tiveram mortes “diferentes”. Cepé na batalha e Cacambo em casa do egoísta padre Balda.

Nos versos a seguir deparamos com o discurso persuasivo e hipócrita do general Andrade tentando convencer os índios de que estavam sendo explorados pelos jesuítas e que a sua missão ali era de libertá-los e torna-los felizes como ele. Mas, na verdade, “o sossego de Europa assim o pede” e não a bendita compaixão do rei em relação ao sofrimento do índio:

[...] Esse absoluto
Império ilimitado, que exercitam
Em vós os padres, como vós, vassalos,
É império lirânico, que usurpam.
Nem são senhores, nem sois escravos.
O Rei é vosso pai: quer vos felices.
Sois livres, como eu sou; e series livres,
Não sendo aqui, em outra qualquer parte.
Mas deveis entregar-nos estas terras.
Ao bem público cede o bem privado. [...]

II

A próxima ambientação retratada n’O Uruguai é a lamentação de Cacambo e Cepé em reação a invasão dos europeus ao continente americano. Invasão essa que pretende desalojá-los e apoderar-se de forma bárbara de seus recursos naturais. Alias, a sua fonte de sustento de geração em geração. Em relação a esse assunto, Cacambo disse:

Gentes de Europa, nunca vos trouxera
O mar, e o vento a nós. Ah! Não de balde
Estendeu entre nós a natureza
Todo esse plano espaço imenso de águas. [...]

...

Cepé: todos sabem

Que estas terras, que pisas, o céu livres
Deu aos nossos avós; nós também livres
As recebemos dos antepassados:
Livres hão de as herdar os nossos filhos.

II

Segundo Bosi, rejeitando o belicismo fácil com que os nobres se serviam os camponeses, Basílio do fim do século XVIII, cujos valores pré-liberais prenunciam a revolução e se mantieram com o idealismo romântico (Bosi, 1939: 67).

Ainda de acordo com ele, quanto não diz ao herói oficial do poema, a fala dos verdadeiros heróis, Cacambo e Cepé, aparecem como apologia da vida natural, avessa as hierarquias da milícia, da corte e da cúria?

Nesse passo, como no da morte de Lindóia, os valores capazes de inspirar poesia são encarnados pelos nativos. E embora eles se acabem curvando aos pés da coroa lusa, permanecem como as únicas criaturas dignas de falar em natureza e em liberdade (Bosi, 1939, p.67). Digamos que essa é uma forma achada por Basílio da Gama para falar da superioridade do homem branco sem, no entanto, ferir a honra e a valentia do nativo, fazendo menção a sua luta pela liberdade e enfatizar suas qualidades naturais.

Saem das grutas pelo chão cavados,
Em que até li de indústria se escondiam,
Nuvens de índios, e a vista duvidava
Se do terreno os bárbaros nasciam.

II

Por esses versos percebe-se a admiração do homem europeu pelas habilidades, exuberâncias e pelos feitos do índio. O que mostra mais uma vez a polaridade entre as duas culturas. São contrapontos que o autor tem realçado ao longo de todo o poema.

O espaço a seguir representa de forma alegórica um campo de batalha, mostrando a diferença indumentária entre os europeus (sofisticados) e índios (naturais) e ainda a superioridade bélica dos primeiros. O que acarretará consequentemente na vitória.

[...] Com outra pistola abrir caminho,
E em vão o intenta: a verde negra pele,
Formou a natureza impenetrável.
Co'a espada o fere no ombro, e na cabeça,
E as pernas corta, de que o campo espalha.
Separa os duos fortíssimos guerreiros
A multidão dos nossos, que atropela
Os índios fugitivos: tão depressa
Cobriu o campo os mortos, e os feridos,
E por nós a vitória se declara.

II

Vê-se, portanto, que apesar da valentia do índio, o poderio bélico do europeu se imperou, o que de modo algum desmerece o índio. Visto que, apesar da adversidade, o índio não se intimidou, lutando até não poder mais. Essa imagem no final do canto segundo que retrata a morte de Cepé comprova essa valentia.

[...] Morto o grande Cepé, já não resistem
As tímidas esquadras. Não conhece

Leis de temor. Debalde está diante,
E anima os seus o rápido Cacambo,
Tinha se retirado da peleja
Caitutu mal ferido; e do seu corpo
Deixa Tatu Guaçú por onde passa
Rios de sangue. Os valentes
Ou eram mortos, ou feridos. [...]

II

O ESPAÇO DESTRUÍDO

O canto terceiro inicia-se com uma imagem alegórica de uma povoação destruída pela ambição do injusto império europeu. Contudo, o general esta investida não se rejubila com a vitória. Pelo contrário, ele se compadece dos habitantes daquele chão, mostrando assim, a tensão entre o seu interior e o seu exterior. Destruiu a vida de muita gente, não por vontade própria, mas pela obrigação dos tiranos. No mesmo trecho do poema encontramos também a lamentação de um nativo após o massacre:

Já a nossa do mundo última parte
Tinha voltado a ensangüentada fronte
Ao centro luminar; quando a campanha
Semeada de mortos, e insepultos
Viu desfazer-se a um tempo a vila errante
Ao som das caixas. Descontente, e triste
Marchava o General: não sofre o peito
Compadecido, e generoso a vista
Daqueles frios, e sangrados corpos,
Vítimas da ambição de injusto império.

III

Mais adiante, deparamos com a imagem fantástica e triste de Cepé, exortando a Cacambo a vingar a sua morte e defender a pátria:

O inquieto Cacambo achar sossego.
No perturbado interrompido sono,
Talvez fosse ilusão, se lhe apresenta
A triste imagem de Cepé despido,
Pintado o rosto do temor da morte,
Banhado em negro sangue, que corria
Do peito aberto, e nos pisados braços
Inda os sinais da miséria caída.

III

Este elemento mágico, apesar de ser uma nova criação, faz de Basílio um dos mestres na introdução de elementos fantásticos que beneficiam o fluir da narrativa. O mesmo procedimento se verifica a quando da tentativa de Cacambo para incendiar o acampamento europeu, na qual conseguiu atravessar o profundo e irado rio sem, no entanto, provocar algum barulho que possa acordar o exército de Andrade. Conseguindo assim, “concretizar” a missão a ele incumbida por Cepé. Porém, essa empreitada foi de balde, visto que não provocou grandes problemas ao exército de Gomes. Já que o fogo foi rapidamente controlado.

Ainda sobre o “fracasso” do incêndio, Basílio se aproveita para diferenciar o caráter heróico de Cacambo a de Ulisses em Tróia. Sobre o qual, este último, sendo mais nobre e cauteloso conseguiu ver abrasar os altos muros de Tróia e a ruína da cidade de Priamo. Cacambo, porém, não foi feliz na sua tentativa. Sendo assim um herói de caráter mais brando.

[...] Via nas águas trêmulas a imagem
Do arrebatado incêndio, e se alegrava.
Não de outra sorte o cauteloso Ulisses,
Vaidoso da ruína, que causara,
Viu abrasar de Tróia os altos muros,
E a perjura cidade envolta em fuma
Encostar-se no chão, e pouco a pouco
Desmaiar sobre as cinzas. [...]

III

Os versos a seguir representam o feito mágico de Cacambo:

[...] Pendura a um verde tronco as várias penas
E o arco, e as setas, e a sonora aljava;
E onde mais manso, e mais quieto o rio
Se entende, e espraia sobre a ruiva areia,
Pensativo, e turbado entra; e com água
Já por cima do peito, as mãos, e os olhos
Levanta ao céu, que ele não via, e às ondas
O corpo entrega. Já sabia entanto
A nova empresa na limosa gruta
O pátrio rio; e dando um jeito à urna,
Fez que as águas corressem mais serenas,
E o Índio afortunado a praia oposta
Tocou sem ser sentido. [...]

III

Uma outra ambientação mágica que simboliza o grito de pela liberdade é morte de Lindóia, que, assassinado Cacambo, seu esposo, decide se matar ao em vez de se entregar ao Baldetta, filho do padre Balda, o assassino. Na sua “morte” conseguiu ver a vingança do assassinato de Cacambo, a destruição de Portugal por um terremoto, a expulsão dos jesuítas e a reconstrução de Portugal pelo Marquês de Pombal. Guimarães Rosa dizia que as pessoas não morrem, ficam encantadas. Todos esses feitos foram possível graças aos poderes mágicos da velha feiticeira Tanajura, que foi uma personagem importantíssima para o desenvolvimento da narrativa. Pois fez com que a “morte” de Lindóia não seja uma simples morte, mas sim uma morte vaticinadora e confortante. Porque vai prever a vitória do bem sobre o mal.

[...] Nuas caveiras, e esburgados ossos,
A uma medonha gruta, onde ardem sempre
Verdes candeias, conduziu chorando
Lindoya, a quem amava como filha,
E em ferrugento vaso licor puro
De viva fonte recolheu. [...]

...

Não de outra sorte à tímida Lindoya
Aquelas águas finalmente pintam
O rio, a praia, o vale, e os montes, onde

Tinha sido Lisboa; e viu Lisboa
Entre despedaçados edifícios,
Com o solto cabelo descomposto,
Tropeçando em ruínas encostar-se.

III

CRUELDADE SEM LIMITES

Encontramos no canto quarto um detalhe que é geralmente esquecido ou contornado pela crítica literária, o assassinato de Cacambo pelo padre Balda. Essa atitude que reforça a idéia de que os padres jesuítas se mascaravam com o nome da religião para explorar os índios. O padre Balda assassinou Cacambo para que seu filho, Baldetta, assumisse o lugar deste, liderando um grupo de combatentes e ainda se casar com a esposa dele.

Ajuntavam-se os índios entretanto
No lugar mais vizinho, onde o bom padre
Queria dar lindoya por esposa
Ao seu Baldetta, e segurar-lhe o posto,
E a régia autoridade de Cacambo.

IV

Ainda sobre a exploração levada a cabo pelos jesuítas nas terras dos nativos, encontramos nesse canto a perplexa imagem do general Gomes e seus soldados quando entraram no templo dos jesuítas. Encontraram ali riquíssimos ornamentos que tornam difícil acreditar que estavam naquela terra “pobre”. Imagine o que estava na sede da companhia (Roma). Um mundo de riquezas.

[...] Fumegavam os nobres edifícios,
Deliciosa habitação dos padres.
Entram no grande Templo, e vêem por terra
As imagens sagradas. O áureo trono,
O trono, em que se adora um Deus imenso,
Em pedaços no chão. Voltava os olhos
Turbado o General: [...]

IV

O ESPAÇO POLITICO

O canto quinto que é mais político nos revela algumas insinuações de Basílio da Gama sobre a mão suja dos jesuítas na morte de alguns reis na Europa. Mostrando assim o grande poder que a companhia exercia não só no Brasil, mas também na Europa.

Sobre os brancos altares suspendidos
Agudos ferros, que gotejam sangue.
Poe esta mão ao pé dos altos muros
Um dos Henriques perde a vida, e o reino.
E cai por esta mão, oh céus! de balde
Rodeado dos seus o outro Henrique.

V

CONCLUSÃO

Tentamos mostrar como Basílio da Gama foi sensível e destro ao tratar de um tema que inquietava a sociedade brasileira da época, num poema preocupado com a estrutura das relações Europa e América. Como a temática proposta para esse trabalho foi à ambientação, procuramos se ater a ela com o intuito de atingir os nossos pressupostos, analisando fragmentos que se referem as diferentes imagens espaciais do poema. Esperamos ter contribuído de forma positiva com as nossas reflexões acerca da Literatura, Arte e Sociedade na obra de Basílio da Gama.

REFERÊNCIAS:

TEIXEIRA, Ivan. **Obras poéticas de Basílio da Gama**: ensaio e edição crítica de Ivan Teixeira. -SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

CÂNDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos. 6. ed. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia Ltda., 2000.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 39. ed. Ed.Pensamento-Cultrix Ltda, 2001.